

Família de vítima apresenta laudo

FABÍOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

A família do aposentado Miguel Basílio, 68 anos, morto no dia 14 de abril depois de tomar um medicamento manipulado, divulgou ontem um laudo elaborado pela Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, que aponta excesso de 59,4% da substância Colchicina do que a dosagem prevista da receita médica para uma cápsula do comprimido. A análise foi remetida para o Laboratório Central do DF (Lacen) e entregue à filha de Basílio, Eunice de Oliveira, 40. A mulher do aposentado, Elenice Oliveira, 63,

também tomou o medicamento e continua em coma induzido.

A 1^a DP (Asa Sul) investiga o caso, mas ainda não abriu inquérito policial por falta de laudos conclusivos. Outra análise será feita no sangue colhido de Basílio e Elenice. O problema é que não há laboratórios no Brasil que produzam reagentes para a Colchicina. "Um professor da Universidade de Goiás desenvolveu uma substância para confrontar com a Colchicina. O Ministério Público do DF está intermediando o envio do sangue", afirmou Funice.

Basílio recebeu o remédio no dia 12 de abril. Tomou a mistura de Nimesulide, Colchicina e Alo-

purinol (150 mg) na manhã do dia seguinte. Horas depois, sentiu dores abdominais e vômitos. À noite, foi levado ao Hospital Santa Lúcia. Morreu às 3h da manhã. O hospital não chegou a uma conclusão sobre a causa da morte.

A farmácia Natusfarma manipulou o medicamento. Segundo o assessor de imprensa, Roserval Ferreira, o laudo da Fiocruz não é conclusivo. "Temos dois laudos elaborados por outros dois laboratórios que deram negativo quanto ao excesso da substância. Não há como provar que a causa da morte foi o medicamento." Ele argumenta ainda que o frasco enviado à Fiocruz foi